

O FOTÓGRAFO, A EDUCAÇÃO INFANTIL E A PANDEMIA

THE PHOTOGRAPHER, EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND THE PANDEMIC

Anete Abramowicz **1**
Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa **2**

Resumo: Este artigo se constitui em um ensaio intitulado: O Fotógrafo, A Educação Infantil e A Pandemia foi construído junto com as fotografias do Allan Pimenta realizadas antes e durante a pandemia. Além das imagens, o artigo utilizou-se da bibliografia contemporânea escrita durante a pandemia, em especial os textos da N-1 Edições. Buscamos visibilizar as crianças com ênfase na Educação Infantil apontando para a necessidade da construção de uma nova imaginação educacional e de outras iniciações sociais na busca de uma educação após-pandemia, cuja centralidade esteja a própria infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Imagens. Pandemia.

Abstract: This article entitled: The Photographer, Early Childhood Education and The Pandemic was built together with Alan Pimenta's photographs taken before and during the pandemic. In addition to the images, the article used the contemporary bibliography written during the pandemic, especially the texts of N-1 Editions. We aimed to make children with an emphasis on Early Childhood Education visible, pointing to the need to build a new educational imagination and other social initiations in the search for post-pandemic education, whose centrality is the childhood itself.

Keywords: Childhood education. Images. Pandemic.

Socióloga. Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora Titular **1**
da Faculdade de Educação da USP. Professora Titular Sênior da UFSCar. <http://lattes.cnpq.br/2502752385941894>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4714-3602>,
E-mail: anetabra@usp.br

Fotógrafo amador e amador das artes. Doutor em Educação pela **2**
FE/Unicamp. Professor Associado do Departamento de Educação da UFSCar.
<http://lattes.cnpq.br/5414466437997230>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8715-4229>
E-mail: avpimenta@ufscar.br

Imagem 01: #ninguémsohtaamãodeninguém



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2019).

Introdução

Este artigo constitui-se em um ensaio realizado a partir de fotos realizadas antes e depois da pandemia de COVID-19, doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2. Este ensaio se fez nas fotos e em textos recentemente escritos sobre a pandemia, em especial os textos publicados pela Editora N-1 denominado de *Pandemia Crítica*. Buscamos extrair das fotos e dos artigos a maneira pela qual a infância como conceito se mostrou às crianças neste momento, bem como anunciar nas considerações finais de que sempre nasce uma infância nestes e em quaisquer tempos sombrios e, deste modo uma infância de possibilidades pode fazer tudo mudar. O ensaio está dividido em partes: A Catástrofe, A Educação após-pandemia, O Mundo “normal” e Considerações Finais: a infância e o outro do mundo.

A Catástrofe

Na cidade do Brasil em 2019 estávamos nas ruas e em luta. Na imagem nossas cabeças e o céu, entre as cabeças e o céu, o possível estava ali, o fotógrafo não mostrou nossos corpos, apenas nossas cabeças, o céu, o espaço urbano, seus signos nas ruas. Ailton Krenak nos fala da necessidade de empurrar o céu quando ele se aproxima muito da terra, pensamos nisto, de como é necessário empurrar o céu para que possibilidades e possíveis apareçam. Os Yanomâmis chamam as epidemias de xawara. Diz Kopenawa (2020) “se a xawara fica à superfície da terra todos os Yanomâmis vão começar a morrer a toa”. Ainda segundo Kopenawa quando os brancos tiram o ouro das terras indígenas, eles o queimam, a fumaça adoce o céu, o céu é atingido pela xawara e a “terra também fica doente”. Uma cosmovisão sofisticada que os brancos não entendem, seu lindo texto mostra de como a xawara tem muita fome de carne humana “não quer caça nem peixes, ela só quer a carne dos Yanomâmis porque ela é uma criatura sobrenatural”. Descrição perfeita da pandemia, pois ela só busca uma espécie: o *Homo sapiens*, como veremos a seguir. Viveiros de Castro (2020), ao retomar Krenak, aponta que os povos indígenas resistem há cinco séculos ao “humanismo”

mortífero do ocidente” e que agora são eles preocupados se os brancos resistirão. Kopenawa segue em seu texto dizendo do perigo do céu desabar e de como todo este acontecimento será vingado.

Deleuze também expressou com a exclamação que ele retoma de Kierkegaard: “um pouco de possível, senão eu sufoco”. Precisamos de possíveis para não sufocar. Mas sufocamos! E paramos de respirar, mas, de maneira desigual.

Imagem 02: *um céu menor que o azul*



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2020).

Em 2020 as ruas se esvaziaram. Não havia espaço entre nossas cabeças e o céu, pois nossa espécie, o *Homo sapiens*, era o alvo único do vírus que foi denominado de Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus) e 19 pois em 2019 ele aparece, a partir daí, COVID 19 passa a fazer parte da gramática global.

COVID 19, nome dado pela Organização Mundial da Saúde cuja explicação científica de sua emergência diagnóstica que o morcego foi hospedeiro original e, como hospedeiro intermediário, animais do mercado de Wuhan. Mas o que ele revelou em sua virulência foi a catástrofe que vivíamos. Há inúmeros sentidos possíveis neste momento que a palavra catástrofe evidenciou: o sentido de que o vírus é uma catástrofe e um sintoma viral e sanitário do neoliberalismo, a catástrofe econômica que o vírus visibilizou marcada pela mais profunda desigualdade social, a invisibilidade de brasileiros/as que “não existiam” juridicamente, pois não possuíam certidão de nascimento, por onde o vírus passou acentuou e trouxe a lógica neoliberal de precarização da vida, destruição das relações de trabalho, *ifoodização* e *rappização* do trabalho, da vida e da subjetividade, com o neoliberalismo uma filosofia política e subjetiva se instaurou em todo o tecido social. Filosofia que adota a ideia de que há uma liberdade quando se é patrão e empregado de si próprio, esta filosofia se acentuou com a pandemia, pois aboliu as fronteiras entre vida e trabalho, entre vida, trabalho e lazer, entre tempo livre e tempo do trabalho, além de privatizar a água e engarrafar o ar – aqui introduzimos um parêntese - (“se você tirar a água do aquífero Guarani, por exemplo, uma água de muito boa qualidade, e se você engarrafar direitinho, você é uma empresa sustentável, e quem disse que tirar água do aquífero Guarani é sustentável? Você pratica uma violência na origem e recebe um selo de sustentável. É assim com a madeira”) (Krenak, 2000, p. 6). A estratégia neoliberal não é só econômica é subjetiva, é uma filosofia política, econômica e subjetiva, como veremos e já

dissemos.

Vivemos em meio de uma catástrofe. Mas há um sentido de catástrofe que nos atinge de maneira indelével e que está em um artigo de Pelbart (2020) nos Textos de Pandemia N-1 intitulado: *espectros da catástrofe* que foi escrito a partir do livro de Peter Sloterdijk intitulado: *Você precisa mudar sua vida*. O argumento do texto nos mostra de que nossa maior catástrofe não é a pandemia, a catástrofe é todo “um sistema social, político, moral, que está em crise profunda e que nos ‘sufoca’”. O que o texto argumenta é que a catástrofe não é o que está por vir, é o nosso próprio presente, no texto: “Que ‘as coisas continuem assim’ - eis a catástrofe, lembra Benjamim”. A catástrofe é o nosso cotidiano, ou na chave da Arendt, a banalidade do nosso cotidiano: banalidade que está nas ações do Bolsonaro e de seus asseclas, que nem pano no rosto e nem vacina serão suficientes contra a microfísica totalitária e fascista que se espraia, se aprofunda no tecido social brasileiro.

O vírus mostrou seu funcionamento transnacional, onde haja vida individual em qualquer lugar do planeta está imediatamente atada a qualquer outra coletividade, cada vida impacta todas as vidas. A mão que toca um botão do elevador, a mão que segura um cano no transporte público infecta uma pessoa, as coisas são conectores transmissores do vírus que pode ser mortal, Butler escreve um texto sobre os traços humanos na *superfície do mundo!* Diz ela: “a superfície que uma pessoa toca, carrega o traço desta pessoa, hospeda e transfere este traço, afeta a próxima pessoa cujo toque pousa ali”. “A nova fronteira é a sua epiderme” (Preciado, 2020).

Distanciar-se das coisas, das pessoas, do mundo foi o remédio imediato para evitar o contágio, parou-se um mundo, nenhuma proximidade foi possível e os humanos se confinaram – os que puderam confinar-se, no Brasil, poucos, quem sabe agora podemos inventar outro possível no mundo?

Educação após-pandemia

E as crianças? O que seria uma educação após-pandemia?

Imagem 03: *sem título*



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2020).

A Educação sempre se inicia na Educação Infantil, é aqui que as iniciações sociais operam. Adorno escreve no texto Educação após-Auschwitz:

Quando falamos de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. Evidentemente não tenho a pretensão de sequer esboçar o projeto de uma educação nesses termos. (2003, p. 122)

Se haverá uma educação após-pandemia é na Educação Infantil (EI) que ela deverá começar. Em 2002/2003 a Fúlvia Rosemberg escreveu um artigo denominado: *Sísifo e a educação infantil brasileira*:

A maldição de Sísifo bem pode ser uma metáfora às políticas nacionais de educação infantil (EI) que temos vivido nas últimas décadas. Desde que atuo na área - início dos anos 80 -, acompanhei duas quedas de Sísifo e uma tentativa de subir a montanha. (p. 177)

Rosemberg, infelizmente, faleceu há 6 anos e não viu mais as inúmeras quedas da EI. O que é o Mito de Sísifo? É um ensaio de Camus (realizado a partir do mito grego daquele que foi considerado o mais astuto dos mortais), sobre os absurdos da vida. Nada mais absurdo do que Sísifo ser obrigado pelos deuses a carregar pedra acima e pedra abaixo. Eles pensaram com alguma razão que não há punição mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança. A luta dos direitos das crianças e de algumas práticas na EI são pequenos avanços, por exemplo, o ECA, morro acima e, elencamos as muitas derrotas, morro abaixo: os *vaucher* para EI, aula a distancia para crianças e bebês, abandono pelas políticas públicas das crianças de zero a 3 anos, que chamamos de processo de filantropização, além de tiros nas crianças, as balas perdidas, mas cujo endereço são as crianças pobres e negras (ABRAMOWICZ, 2020). Fechamento de museu, criminalização de criança em nome de um feto sem existência. Violência doméstica contra as crianças. Morro abaixo. Pouco morro acima e morro abaixo. Mas a pergunta feita por Camus é interessante: diante deste tipo de humanidade que nos faz carregar morro acima e morro abaixo, “será que a realização do absurdo exige o suicídio? Camus responde: “Não. Exige revolta!” O momento exige Revolta! É o que nos resta. Mas precisamos qualificar a nossa revolta. Então vamos lá. Primeira revolta, não desistimos da EI.

A EI tem sido atacada e não é de hoje, isto porque o corpo e a subjetividade da criança são espaços de disputa já que não há territórios mais fugidios do que os das crianças e por isto há um governmento incessante sobre elas para controlá-las. As crianças pequenas têm sido entregues em convênios com as prefeituras como políticas educacionais de governo para serem educadas em instituições e entidades chamadas de filantrópicas. A maioria destas instituições é religiosa e temos chamado esta política de filantropização das creches, cuja filosofia quebra a proposta que lutávamos de uma educação da infância de zero a seis anos em escolas públicas de EI. Mas agora há a proposta de *voucher* na educação infantil que faz parte da mais perigosa política neoliberal, pois pretende enfraquecer, privatizar e acabar com todos e tudo o que significa o espaço do comum e público: as escolas, o SUS, as universidades etc., este é o projeto. Morro abaixo e revolta. Qual é exatamente o problema ao se propor o *voucher*? A questão é que não somente o dinheiro público vai para espaços e capitais privados. O problema é que forja um tipo de concepção nas quais as pessoas supõem que são livres para escolherem as escolas que querem em seu bairro. Esta filosofia também vai ao encontro de alguns que dizem que preferem ser patrões e empregados de si mesmos, como uma espécie de liberdade das relações de trabalho e das escolhas. Uma liberdade na qual se forja uma subjetividade de que eu cuido e vivo a partir de mim mesmo e me desvinculo ou, como diz Safatle, me *desafeccto* de toda uma coletividade, produz uma “desafecção”. *Voucher* é

uma filosofia política e econômica de construção de sujeitos e subjetividades. É um processo total de despolitização da sociedade, que nasce com a ideia de que se será livre para escolher sua escola. A mesma “liberdade” que expande a precariedade generalizada. Esta “liberdade” individual nada mais é que uma maneira de desorganização de todos os sistemas onde prevalece o bem comum, a coletividade. Esta filosofia política cria um processo de des-afetação com o outro, não me vincula a grupo nenhum, e coloca as crianças em espaços completamente desregulados de qualquer concepção sobre o que é uma escola de qualidade para crianças pequenas. Mas o que acontece com esta des-afetação com o outro? Na pior das hipóteses pode-se produzir um país no qual se morre todo dia mais de 2000 pessoas ou mais de 270.000 mortes em 2021 em uma pandemia, e, do presidente às pessoas comuns, dizerem: e daí?

Imagem 04: *todas as ruas têm seu nome*



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2020).

O Mundo “normal”

A pandemia nos visibilizou o “mundo normal” que vivíamos ao mostrar um menino negro, o Miguel, despencando de um prédio, pois foi abandonado à sua própria sorte pela patroa branca, esta outra e mesma patroa branca que voltou da Europa e provocou a morte da empregada doméstica que não dispensou durante a pandemia. A pandemia também nos visibilizou a comunidade indígena abandonada e contaminada propositadamente pelo mundo branco para permitir a retomada e o roubo de suas terras. Há poucos em refúgio no Brasil, pois o isolamento levou a exposição intensificada para muitos, lucros extorsivos para outros, e desemprego generalizado. A pandemia confinou algumas mulheres e crianças em um lugar no qual muitas gerações de mulheres lutaram e lutam para sair: o espaço doméstico. Espaço doméstico no qual confina crianças e mulheres a uma velha estrutura muito conhecida das mulheres e das crianças herdadas do patriarcalismo, do machismo, estruturas herdadas da violência cuja luta das mulheres nunca cessaram de existir para sair deste lugar, no qual as estatísticas mostram o aumento da violência em relação às mulheres e às crianças.

No Brasil há uma infecção pandêmica tão ou mais perigosa e infecciosa quanto o COVID-19, mas vacina nenhuma resolverá o problema, é a onda totalitária e fascista que tem em Bolsonaro seu sintoma, mas que está espreada no tecido social cuja atuação de práticas totalitárias desde

o início deste mandato têm sido destruir formas de vidas. Formas de vidas onde a diferença e a alegria são as marcas, estávamos certos desde o início quando lutávamos pelo direito e afirmação das diferenças pois aí está uma possibilidade disruptiva deste “mundo normal” na direção do outro do mundo. A exuberância das diferenças propostas pelas várias formas comunitárias de vida e existência dos mais diversos coletivos, da vida dos LGBTQI+, nas diferenças propostas pela vida indígena, da vida negra, pelo mundo das crianças, pelas vidas e existências coletivas nas ocupações nas cidades e nos campos etc... é isto que esta infecção totalitária quer matar: a diferença, a alegria, a possibilidade de novos e outros afetos, e de outras possibilidades de existências e de vidas.

Imagem 05: *agora eu era o herói?*



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2020).

Considerações Finais: a infância e o outro do mundo.

De alguma maneira aquele mundo chamado normal parou por um tempo, e temos que empreender esforços os mais inusitados e moleculares para que neste interregno produzido entre aquele mundo normal e um outro mundo possível possa aparecer. Cada um de nós tem uma responsabilidade ética com o seu presente, e nosso tempo histórico apresentou às nossas gerações algo inédito, a possibilidade de que aquele mundo parasse. Significa dizer que há uma infância possível que se abre neste mundo a construir, uma outra infância, pois a infância é o outro mundo possível, que não sabemos qual é, uma diferença. Nestes tempos se anunciou uma infância social como o embrião de outros mundos na direção de novos/outros afetos e de vidas, mais solidários, mas comprometidos com o bem comum, pois aprendemos com o vírus que não há vida individual que não esteja imediatamente implicada no coletivo. Ou seja, mais afe(i)ção, para combater a política da *desafeição* cuja base é a banalidade (Arendt) de nosso cotidiano no qual o outro não me importa. E daí? Temos novos/outros territórios a serem erguidos. Os professores/as de alguma maneira forjaram alguns possíveis ao tentar manter o espaço público, nos encontros com as crianças e com a comunidade e suas famílias. Sempre há uma possibilidade de infância que se abre nestes e em outros e quaisquer tempos, mesmo nos mais sombrios.

A questão mais premente para todos/as professores/as é: o que seria uma educação após-pandemia?

Em aula proferida (2020), o Prof. Valter Silvério sugere a necessidade de se fazer justiça intergeracional. De maneira que uma geração crie condições para que as outras não vivam os

infortúnios, os massacres, as discriminações e o racismo que gerações mais velhas vivem e viveram. A Educação Infantil é fundamental neste processo. A escola de Educação Infantil é aquela que realiza as iniciações sociais fundamentais dentre as quais podemos citar: a iniciação ao capital (a criança aprende que com o dinheiro tudo pode ser trocado, este processo chama-se de tradutibilidade), iniciação à sexualidade (a criança aprende que há uma heteronormatividade), à raça/cor (ela aprende o racismo e as hierarquias de cor), iniciação ao poder (aprende a quem obedecer) e, finalmente, a iniciação ao saber (aprende que há uma gramática única a ser obedecida/aprendida), na realidade é nesta engrenagem política e social que temos que operar.

Operar nestas engrenagens de iniciações é tão fundamental quanto difícil, pois conforme afirma Guattari (1995, p. 50):

Uma das contradições internas dos empreendimentos ditos 'escola nova' reside no fato de que elas limitam muito frequentemente suas intervenções ao nível das técnicas da aquisição da linguagem, da escrita, do desenho, etc... sem intervir no motor desta modelagem cujas técnicas não são senão um dos agentes. Um empreendimento educacional não poderia circunscrever de modo válido seu campo a questões de técnicas de aprendizagem ou de socialização. Ele coloca de imediato toda uma série de problemas micropolíticas.

Ou seja, a questão que se coloca não é o de operar nas formas e /ou conteúdos da aprendizagem, mas no motor micropolítico da engenharia social da escola que, por meio do currículo, produz sujeitos e subjetividades. É nesta engrenagem que precisamos aprender a operar, na maneira como as iniciações são realizadas na escola de crianças pequenas. A história do sistema educacional brasileiro e a própria construção da ideia de escolarização "para todos/as" não contemplou de maneira equitativa populações brancas e não-brancas, indígenas e negras principalmente. Teorias racistas e políticas eugenistas e higienistas foram base significativa para a criação de um sistema educacional que tinha como objetivo principal educar para uma identidade nacional branca e de raízes europeias (VEIGA, 2019).

Propor outras iniciações na escola infantil é uma das tarefas mais complexas, já que educar crianças pequenas faz parte de projetos de sociedade é uma das biopolíticas das mais complexas, pois as crianças são controladas todo o tempo, e vivem como prisioneiras políticas das engrenagens tecnológicas, familiares, pedagógicas e, sobretudo religiosas. Antes pensávamos as crianças e os objetos como separados, hoje nossa relação com os objetos em especial computadores, internet é uma relação sem nenhum distanciamento, somos pessoas objetos, pessoas acopladas às máquinas, somos *cibermáquinas*, *homenssilícios* em *ciberinfâncias*, como sairemos desta pandemia se passamos a compor nossos corpos com a internet? Em seu último livro Mbembe (2020) nos apresenta seu conceito de brutalismo, onde mostra que toda a nossa existência foi penetrada pelo capital e se efetua sob uma computação numérica, a transformação da humanidade em seres fabricáveis, é isto o brutalismo, sem a distinção entre o humano e a máquina.

Portanto, quando nada fazemos, ensinamos a norma e a normalidade, no interior daquilo que predomina, que é a lógica do capital, da sexualidade, da raça hegemônica, da gramática. Como escapar disso? Como forjar uma nova imaginação educacional para as crianças?

Daí o proveito que poderíamos tirar da ideia de Félix Guattari de que a heterogeneidade precisa ser produzida. Recusar a homogeneização sutil, mas despótica em que incorremos às vezes, sem querer, nos dispositivos que montamos quando subordinamos os estudantes a um modelo único, ou a uma dimensão predominante. Na realidade, precisamos de uma pedagogia do intolerável. Temos assistido passivamente a um processo de aniquilamento sutil e despótico das diferenças, sejam sexuais, raciais, étnicas, estéticas, entre outras, ao mesmo tempo em que há uma resistência cotidiana a esta processualidade de submetimento realizada por pessoas ou coletivos sociais excluídos. A pedagogia do intolerável não é a monumentalização da tragédia, do miserabilismo ou da vitimização. Nada tem a ver com isto. É a afirmação absoluta da vida, resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida, resistência inabalável ao aniquilamento e a uma vida

não fascista que se faz a toda hora e todo dia e por cada um. Precisamos retomar o projeto de uma educação não fascista, ou como diz Preciado (2020) precisamos de uma máscara cognitiva.

Talvez o que as crianças tenham de mais potente seja a infância.

Temos que nos opor as prescrições que estão nas bases de currículos unificados. Precisamos nos opor as pedagogias suplicantes e prescritivas. A maior potência e possibilidade de uma criança está no tempo *aion*, ou seja, um tempo que é a própria infância. Infância como experiência. O fragmento 52 de Heráclito diz que “aión é uma criança que brinca (literalmente, «criançando”), seu reino é o de uma criança”. Se há uma nova possibilidade de educação infantil, é na própria infância que temos que buscar (ABRAMOWICZ ET ALL, 2009)..

“Não é concebível um pensamento crítico que não seja também, em quaisquer de suas facetas, uma meditação sobre a infância” (VIRNO, 2012, p. 34).

É a infância em seu tempo *aion* que está sendo diminuído. O que estamos perdendo é o tempo, não temos mais o tempo em sua textura e velocidade, o céu está próximo da terra. Há que empurrá-lo.

Imagem 06: *sem título*



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2020).

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX “ainda” sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável. (Benjamin, 1987, p. 229)

Referências

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. **Infâncias em Educação Infantil**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3, p. 179-197, Dec. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000300012&lng=en&nrm=iso Acesso em 11.mar.2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000300012>.

ABRAMOWICZ, A. Crianças e guerras: as balas perdidas! **Childhood & Philosophy**. Vol. 16, 2020.

ADORNO, Theodor W. "Educação após Auschwitz". In: **Educação e Emancipação**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra. p. 119-138, 2003.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987

BUTLER, Judith. **Traços humanos nas superfícies do mundo**. São Paulo: N-1 textos Pandemia. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>, 2020. Acesso em 12.set.2020.

CAMUS, A. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989

CASTRO, E. V. de C. **Posfácio** as Ideias para Adiar o Fim do Mundo, Ailton Krenak. São Paulo: N-1 textos Pandemia. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>, 2020. Acesso em 12.set.2020

GUATTARI, F. Creches e a Iniciação in: **A Revolução Molecular**: pulsões políticas do desejo, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

KOPENAWA, D. X. **O ouro canibal e a queda do céu**. São Paulo: N-1 textos Pandemia. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>, 2020. Acesso em 12.set.2020.

KRENAK, A. **Do tempo**. São Paulo: N-1 textos Pandemia. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>, 2020.

KRENAK, A. **Para adiar o fim do mundo**. SP: Companhia das Letras, 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaio**: revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, dezembro 2016.

MBEMBE, A. **Brutalismo**. Paris: Éditions La Découverte, 2020.

PELBART, P. **Espectros da Catástrofe**. São Paulo: N-1 textos Pandemia. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>, 2020.

PRECIADO, P. B. **aprendendo do vírus**. São Paulo: N-1 textos Pandemia. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>, 2020. Acesso em 12.ago.2020

SAFATLE, V. **O Brasil e sua engenharia da indiferença**. 3 de julho de 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/07/03/o-brasil-e-sua-engenharia-da-indiferenca-por-vladimir-safatle/> Acesso em: 12.mar.2021.

VEIGA, C. G. **Infância subalterna**: dimensões históricas das desigualdades nas condições de ser criança (Brasil, primeiras décadas republicanas). Perspectiva, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 767-790, set. 2019. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://bit.ly/3cxhbTA> Acesso em: 20.mar.2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2019.e53978>

VIRNO, P. Infância e pensamento crítico. **Revista Imprópria**. Portugal: Política e pensamento crítico, n. 2, 2012.

ROSEMBERG, F. Organizações multilaterais, estado e políticas de educação infantil: history repeats. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 25-63, Mar. 2002 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100002&lng=en&nrm=iso Acesso em 10.set.2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100002>

ROSEMBERG, F. Sísifo e a Educação Infantil Brasileira. **Pro-Posições**, Campinas, v.14, n.1, 2003.

Recebido em 17 de setembro de 2020.

Aceito em 18 de fevereiro de 2021.